

QUANDO O “EU” É CONVIDADO A FALAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE A DITADURA MILITAR NAS PÁGINAS DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO (1990-2000).

Barbara Almeida Oliveira^{1*}, Sônia Maria de Meneses Silva²

1. Estudante de História da URCA, bolsista de IC/CNPq

2. prof^a Dr^a do Dep. de História da URCA, Coord. de projeto IC/CNPq / Orientador

Resumo:

O presente estudo tem como objetivo analisar os discursos de cunho testemunhal desenvolvidos no jornal Folha de S. Paulo na última década do século XX. Com esse intuito nos apoiaremos em momentos capitais de rememoração, em que os mais diversos sujeitos são convidados a falar sobre o passado, cada um a sua maneira. Dentre essas, nos interessa aquelas que se sustentam no “eu”, ou seja, o testemunho desses sujeitos e suas construções em torno das efemérides dos 30 anos do golpe em 1994, 30 anos do Ato Institucional nº5 no ano de 1998, por último, os 20 anos da anistia política, lembrados e comemorados em 1999. Diante do exposto, tentamos compreender a escrita da história a partir da narrativa midiática, sendo que esta apesar de não compartilhar dos mesmos pressupostos epistemológicos da historiografia, tece em suas páginas um tipo específico de história, que inclusive explora a memória individual de sujeitos na construção do passado.

Palavras-chave:

Memória, Folha de S. Paulo, ditadura militar.

Apoio financeiro:

Pesquisa financiada pelo CNPq

Introdução:

No ano de 1964 o Brasil foi sacudido por um movimento civil e militar que se auto intitulou de “Revolução”. Entretanto, o tipo de governo que se instaurou revelou a face golpista do movimento. Por cerca de 20 anos, gerais se reversaram no poder executivo. Período esse que se legitimou por arbitrariedades e cerceamento das liberdades. A própria imprensa, que exerceu papel fundamental na legitimação da intervenção militar, sofreu com as sanções do governo, a

Lei de Imprensa e a censura prévia são exemplos capitais de tal afirmação.

A historiografia, a partir das suas mais distintas análises, nos conduz a compreender tal período como um dos mais traumáticos da nossa trajetória política. Diante do que foi exposto, tenta-se refletir a memória que é construída nas páginas da imprensa após o fim deste governo, e para tal, tomamos como instrumento de análise um dos veículos de comunicação mais importante do país, o Jornal Folha de S. Paulo.

A Folha foi um dos meios de comunicação da grande imprensa escrita que se mostrou favorável à intervenção militar, estabelecendo relações parcimonias com o governo até a segunda metade da década de 1970. Diante das mudanças graduais na conjuntura nacional, dentre estas, a mobilização popular, que se reorganizava nesse período, em prol da redemocratização, o periódico elabora estratégias para desvincular sua imagem do governo instaurado em 1964, tentando identifica-se como o porta voz da democracia. Estratégia que alcança êxito com o trabalho de discussão que a Folha desenvolve a partir da anistia e do movimento das Diretas Já, no final da década de 1970 e início da década de 1980.

Diante do exposto temos como objetivo central compreender as formas e mecanismos que o periódico se utiliza para apresentar a memória em torno desse período da história do país. Processos esses que encontram respaldo nas narrativas de diferentes sujeitos, que abrange desde as narrativas de ex-militantes contrários ao governo militar a ex-agentes do estado autoritário, no qual são tecidas versões sobre o passado apoiadas na memória individual, e desenvolvendo discursos de cunho testemunhal. .

Metodologia:

Este estudo desenvolve-se a partir de uma pesquisa exploratória do *Acervo Folha*, em que delimitamos nossa investigação a partir da última década do século passado.

Desse período selecionamos três anos específicos (1994, 1998 e 1999). Essa escolha se justifica pela própria quantidade de narrativas sobre o regime militar brasileiro, e pelo conteúdo apresentado por estes textos, uma vez que exploram diretamente o período histórico objeto deste estudo.

Os períodos selecionados compõem o âmbito das efemérides, ou seja, momentos específicos de rememoração. Em 1994 o regime militar completou três décadas, sendo este um dos períodos em que mais encontramos narrativas acerca da ditadura. No que toca o ano de 1998, parte das narrativas se concentram nos meses de novembro e dezembro, direcionadas para rememoração dos 30 anos do Ato Institucional nº 5. E por último, 1999 como as narrativas em torno dos 20 anos da anistia política, discussões que se concentram nos meses de junho, julho e agosto. Os discursos em torno da anistia apresentam ainda a dimensão da comemoração.

O material selecionado tem como principal foco, narrativas de cunho testemunhal, ou seja, aquelas que se apoiam na ideia do “eu”, o sujeito que viu e viveu os fatos.

Os termos de busca utilizados relacionam-se as discussões desenvolvidas pela historiografia brasileira, em que destacamos as palavras: ditadura, regime militar e anistia.

Resultados e Discussão:

A memória narrada nas páginas do jornal Folha de S. Paulo se apoia e se apropria de um conjunto de pressupostos próprio do trabalho realizado na historiografia. Ao analisar o material selecionado nos deparamos com uma série de conceitos que funcionam como legitimadores da memória de diferentes sujeitos. Logo, é frequente a ideia de História mestra, ou seja, aquela que tem função pedagógica, que deve servir de exemplo para o presente.

Ao convidar diferentes vozes para narrar o passado, podemos compreender que o jornal tenta ainda construir a imagem de um veículo de comunicação democrático, em que todos, independente da sua atuação durante os anos de regime militar, têm espaço para tecer suas versões sobre o período.

Conclusões:

Diante do exposto, podemos concluir que nas páginas do periódico Folha de S. Paulo se desenvolve um tipo de história, em

que elementos próprios da historiografia entrecruzam-se com os da escrita midiática na elaboração de imagens sobre o passado que se adaptam ao próprio meio em que se desenvolve.

Podemos compreender que dentre essas estratégias de adaptação da história a escrita midiática, está à eleição de momentos apresentados como emblemáticos para a sociedade, e são em torno destes períodos que se desenvolvem, com maior intensidade, as discussões sobre o momento histórico explorado. O que nos possibilita concluir que a história elaborada nas páginas do jornal Folha de S. Paulo, em torno do regime militar, segue uma dinâmica pragmática, arraigada em datas e marcos considerados significativos.

Não existe um trabalho efetivo e gradual em torno da ditadura militar. Ao contrário, podemos perceber que as versões em torno do passado, apoiadas na memória individual e nas experiências de diferentes sujeitos, funciona como elemento legitimador dessas “histórias” escritas de forma pontual.

Referências bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade: Presentismo e experiências do tempo**. Autentêntica, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.
- MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de S. Paulo (1921-1981)**. São Paulo: Imprensa, 1981.
- NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.
- POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SEVCENKO, Nicolau. **O rosto do mundo**. In:

Folha de S. Paulo. Primeira Página 1925-1985.

São Paulo: Folha de S. Paulo, 1985.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. **A operação midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964**, defendida em 2011, na Universidade Federal Fluminense-UFF.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.